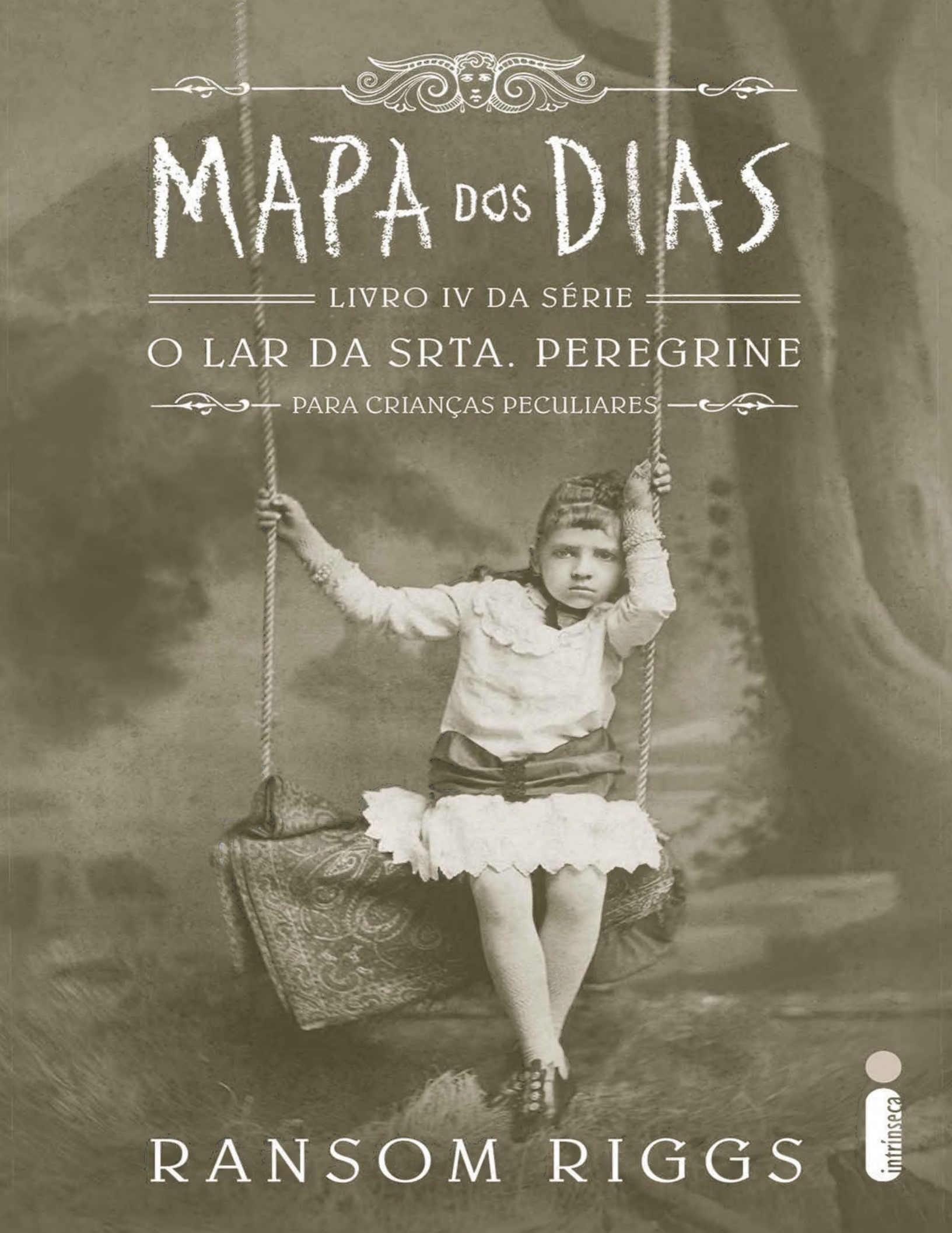
MAPA DOS DIAS

LIVRO IV DA SÉRIE

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

PARA CRIANÇAS PECULIARES



RANSOM RIGGS

intrínseca

RANSOM RIGGS

MAPA DOS DIAS

LIVRO IV DA SÉRIE

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

PARA CRIANÇAS PECULIARES

Tradução de Giu Alonso e Ulisses Teixeira

intrínseca

Copyright © 2018 by Ransom Riggs

Foto de Angelica, da coleção de David Bass; foto do homem de terno, da coleção de Erin Waters

Selo sobre as fotos do homem de terno e do homem comendo picles © 2018 by Chad Michael Studio

Original editado por Julie Strauss-Gabel

TÍTULO ORIGINAL
A Map of Days

PREPARAÇÃO
Ângelo Lessa

REVISÃO
André Marinho
Juliana Werneck

PROJETO GRÁFICO
Anna Booth

ARTE DE CAPA
Lindsey Andrews

FOTO DE CAPA
Da coleção de David Bass

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DE IMAGENS
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0397-8

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Prólogo
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Sobre o autor
Conheça os títulos anteriores da série
Leia também

PRÓLOGO

Eu nunca havia duvidado tanto da minha sanidade quanto naquela primeira noite, quando a mulher-ave e seus protegidos apareceram para impedir que me internassem em um hospital psiquiátrico. Eu estava espremido entre dois tios parrudos no carro dos meus pais quando um grupo de crianças peculiares pareceu sair direto da minha imaginação para a rua à nossa frente, como uma legião de anjos à luz dos faróis.

O carro cantou pneu e parou bruscamente, erguendo uma nuvem de poeira que apagou tudo do lado de fora do para-brisa. Será que eu havia conjurado ecos dos meus amigos, uma espécie de holograma trêmulo projetado das profundezas do meu cérebro? Qualquer coisa era mais plausível que a presença deles ali, naquele momento. Quando se trata de peculiares, tudo parece possível, mas receber uma visita deles era uma das poucas impossibilidades das quais eu ainda podia ter certeza.

Eu tinha escolhido deixar o Recanto do Demônio e voltar para casa, para onde meus amigos não poderiam ir. Tinha a esperança de, ao retornar, conseguir de algum modo unir os dois lados tão díspares da minha vida: o normal e o peculiar, o comum e o extraordinário.

Outra impossibilidade. Meu avô também havia tentado isso, sem sucesso. No fim das contas, acabou se isolando tanto de sua família peculiar quanto da normal. Sua recusa em escolher uma vida em detrimento da outra o condenou a perder ambas. E estava prestes a acontecer o mesmo comigo.

Vi alguém se aproximando em meio à poeira que baixava.

— Quem diabo é você? — perguntou meu pai.

— Alma LeFay Peregrine. Diretora-interina do Conselho de *Ymbrynes* e mentora destas crianças peculiares. Já nos encontramos antes, embora eu não espere que você lembre. Crianças, digam oi.

CAPÍTULO UM

É estranho o que a mente é capaz de absorver e aquilo a que ela resiste. Eu havia sobrevivido ao verão mais surreal que se pode imaginar (vagando por outros séculos, enfrentando monstros invisíveis, me apaixonando pela ex-namorada do meu avô que vivia congelada no tempo), mas só agora, na perfeita normalidade do presente, na casa em que eu crescera, é que eu tinha dificuldade em acreditar no que meus olhos viam.

Ali estava Enoch em nosso grande sofá bege, tomando uma Coca-Cola no copo do meu pai com o brasão de um time de futebol americano da Flórida; ali estava Olive, tirando os sapatos de chumbo para subir flutuando até o ventilador de teto e brincar de dar voltas; ali estavam Horace e Hugh em nossa cozinha, Horace observando as fotos na porta da geladeira enquanto Hugh procurava alguma coisa para comer; ali estava Claire, com as duas bocas abertas, encarando o monólito preto na parede, nossa televisão; ali estava Millard, folheando as revistas de decoração da minha mãe, que se erguiam sozinhas da mesa de centro e se abriam no ar, seus pés descalços deixando duas marcas no tapete. Era uma fusão de mundos que eu havia imaginado milhares de vezes, sem nunca sonhar que seria possível. Mas ali estava: meu Antes e meu Depois colidindo com a força de asteroides.

Millard já havia tentado me explicar como era possível que eles estivessem ali, aparentemente sem perigo e sem medo. O colapso da fenda temporal no Recanto do Demônio, que quase matara todos nós, havia reiniciado o relógio biológico deles. Ele não entendia muito bem o mecanismo, só sabia que não havia mais a ameaça de um repentino envelhecimento catastrófico se passassem muito tempo no presente. Envelheceriam um dia de cada vez, exatamente como eu. Ao que parecia, a dívida que carregavam, de anos e anos acumulados, fora perdoada — como se não tivessem passado a maior parte do século XX revivendo o mesmo dia ensolarado. Era um milagre inegável, algo sem precedentes na história peculiar, e ainda assim o que me assombrava muito mais era a presença deles ali: ao meu lado, Emma, a linda e forte Emma, os dedos entrelaçados nos meus, observando tudo em volta com um brilho de assombro nos olhos verdes. Emma, com quem eu tanto havia sonhado durante as longas e solitárias semanas que passara desde

minha volta para casa. Ela usava um discreto vestido cinza que cobria os joelhos, sapatos sem salto bem resistentes que lhe permitiriam correr se fosse necessário, o cabelo claro preso em um rabo de cavalo. Décadas sendo responsável por aquelas crianças a haviam tornado uma pessoa muito prática, mas nem a responsabilidade nem o peso dos anos que ela carregava tinham sido capazes de apagar aquela faísca de menina que a iluminava de dentro para fora. Emma era ao mesmo tempo macia e dura, amarga e doce, velha e jovem. Essa capacidade de conter tantas coisas dentro de si era o que eu mais amava nela. Sua alma era infinita.

— Jacob?

Ela estava falando comigo. Tentei responder, mas minha cabeça estava mergulhada em oníricas areias movediças.

Ela acenou para mim, depois estalou os dedos, uma fagulha brotando em seu polegar como um isqueiro. O susto me arrancou do transe.

— Ah. Desculpa.

— Em que mundo você estava?

— Eu só… — Abanei a mão no ar como se afastasse teias de aranha. — É bom ver vocês, só isso.

Completar uma frase era como tentar abraçar uma dúzia de balões ao mesmo tempo.

O sorriso dela não foi capaz de esconder uma leve preocupação.

— Imagino como deve ser estranho para você, com todos nós aparecendo assim tão de repente. Espero que não tenha sido um choque terrível.

— Não, não. Quer dizer, um pouco. — Olhei em volta, observando todos os presentes na sala. Um caos alegre acompanhava nossos amigos onde quer que estivessem. — Será que eu não estou sonhando?

— Será que *eu* não estou? — Emma se virou para mim e segurou minha outra mão também. Seu calor e seu toque firme ajudaram a fixar o mundo real. — Nem sei quantas vezes, nesses anos todos, eu já me imaginei visitando essa cidadezinha.

A princípio não entendi, mas então… É claro. Meu avô. Ele havia morado ali desde antes de meu pai nascer; eu tinha visto o endereço da Flórida nas cartas que Emma guardava. O olhar dela se perdeu, como se estivesse vagando em lembranças, e senti uma dolorosa pontada de ciúme — mas logo depois veio a vergonha. O passado de Emma lhe pertencia, e, assim como eu, ela tinha toda razão para estar confusa com a colisão dos nossos mundos.

A srta. Peregrine entrou na sala parecendo um furacão. Havia tirado o sobretudo, revelando um chamativo casaco de tweed verde e uma calça de montaria, como se tivesse vindo a cavalo. Atravessou a sala disparando ordens e advertências em todas as direções:

— Olive, desça já daí! Enoch, tire os pés do sofá! — Com o dedo em riste e um olhar para a cozinha, ela me chamou: — Sr. Portman, temos questões que exigem sua atenção.

Emma me deu o braço e seguimos juntos, para meu alívio, pois o mundo ainda não havia parado totalmente de girar.

— Mal chegamos e vocês já vão ficar de namorico? — reclamou Enoch.

Emma rapidamente esticou a mão livre e queimou o alto do cabelo dele. Enoch se afastou batendo na cabeça, que soltava fumaça, e a risada que me escapou pareceu afastar um pouco da névoa em minha mente.

Sim, meus amigos eram reais e estavam bem ali. Não só isso: a srta. Peregrine tinha dito que eles ficariam por um tempo. Para aprender um pouco sobre o mundo moderno. Tirar umas férias, um merecido descanso dos horrores vividos no Recanto do Demônio — que se tornara o lar temporário deles após a destruição do imponente casarão de Cairnholm. É claro que eram todos bem-vindos, e eu jamais conseguiria expressar minha gratidão por sua presença, mas como seria isso, exatamente? O que fariam meus pais e meus tios, que naquele momento estavam na garagem, sendo vigiados por Bronwyn? Era muita coisa para processar, então decidi adiar aqueles pensamentos.

Absortos numa discussão diante da geladeira aberta, a srta. Peregrine e Hugh pareciam absurdamente deslocados naquela profusão de aço escovado e acabamentos modernos da cozinha, como atores que tivessem ido parar no set do filme errado. Hugh mostrava um pacote de queijo processado em fatias embaladas individualmente.

— Mas só tem coisas estranhas aqui, srta. Peregrine, e eu não como nada há séculos!

— Não exagere, querido.

— Não estou exagerando. É 1886 no Recanto do Demônio, e foi lá que tomamos café da manhã.

Horace saiu da área da despensa batendo a porta.

— Terminei meu levantamento e estou francamente abismado. Bicarbonato de sódio, uma lata de sardinhas e um pacote de massa pronta para bolo infestada de insetos. O governo está racionando

alimentos? Estamos no meio de alguma guerra?

— A gente geralmente pede comida — expliquei, me aproximando. — Meus pais não são muito de cozinhar.

— Então de que serve uma cozinha tão magnífica? — quis saber Horace. — Sei que sou um grande *chef*, mas não há quem consiga preparar algo do zero.

A verdade é que meu pai tinha visto aquela cozinha em uma revista de decoração e se convencido de que precisava ter uma igual. Tentou justificar o custo prometendo aprender culinária e oferecer memoráveis jantares em família, mas, como muitos de seus planos, esse também esfriou e morreu depois de algumas poucas aulas. Então, agora tínhamos uma cozinha caríssima usada quase exclusivamente para descongelar refeições prontas e requentar sobras de delivery.

Em vez de explicar tudo isso, apenas dei de ombros.

— Estou certa de que mais cinco minutos não farão vocês morrerem de fome — disse a srta. Peregrine, expulsando os dois da cozinha. — Muito bem, sr. Portman. Você me pareceu um tanto atordoado. Está se sentindo bem?

— Melhor a cada minuto — respondi, ainda que um pouco envergonhado.

— Você pode estar sofrendo de um caso leve de lag temporal — explicou a srta. Peregrine. — Um tanto tardio, eu diria. É perfeitamente normal entre nós que viajamos no tempo, sobretudo entre os menos experientes. — Ela falava comigo enquanto perambulava pela cozinha, espiando dentro dos armários. — Os sintomas costumam ser leves, embora haja exceções. Quando começaram as vertigens?

— Foi só quando vocês chegaram, mas não se preocupe, eu estou bem, de verdade…

— Úlceras venosas, joanetes inflamados ou enxaquecas?

— Nada disso.

— Perturbações mentais repentinas?

— Hã… não que eu lembre.

— Lag temporal não é motivo de riso, sr. Portman. Pessoas morrem por não se tratarem. Ah, biscoitos! — exclamou a srta. Peregrine, sacudindo um cookie que pegara de uma lata e dando uma mordida. — Vermes nas fezes? — prosseguiu ela em seu questionário, enquanto mastigava.

Contive uma risada de incredulidade.

— Não.

— Gravidez espontânea?

Emma fez uma careta.

— A senhorita só pode estar brincando!

— Já houve casos. Ou melhor, um único caso. Ao que sabemos — esclareceu a srta. Peregrine, pousando a lata de biscoitos e me encarando fixamente. — Com um homem.

— Eu não estou grávido! — retruquei, um pouco alto demais.

— *Ainda bem!* — gritou alguém, lá da sala.

A srta. Peregrine me deu um tapinha no ombro.

— Creio que não seja nada. Mas eu deveria tê-lo alertado.

— Acho que foi melhor não saber — respondi.

Eu teria ficado paranoico. Além do mais, se eu tivesse passado aquele mês comprando testes de gravidez às escondidas e procurando vermes nas minhas fezes, meus pais já teriam me mandado para o hospício muito antes.

— Ótimo — disse a srta. Peregrine. — Agora, antes que possamos todos descansar e conversar, vamos a algumas questões. — Ela começou a andar em círculos pela cozinha, no pequeno espaço entre os fornos duplos e a pia. — Item número um: segurança e proteção. Já avaliei os arredores da casa. Tudo parece em ordem, mas as aparências enganam. Há algo que eu deva saber sobre seus vizinhos?

— Tipo o quê?

— Histórico criminal, tendências violentas, coleções de armas de fogo…

Tínhamos apenas dois vizinhos: a octogenária sra. Melloroos, que vivia numa cadeira de rodas e só saía de casa acompanhada pela enfermeira, e um casal alemão que passava a maior parte do ano sabe-se lá onde, só aparecendo no exagerado casarão para passar o inverno, já que é uma área mais quente do país.

— A sra. Melloroos é meio intrometida às vezes — falei —, mas, se ninguém fizer nada *peculiar demais* no jardim dela, acho que não vai nos trazer problemas.

— Entendido. Item dois: você identificou a presença de algum etéreo desde que retornou para casa?

Senti meu coração dar um salto ao ouvir aquela palavra, que não havia cruzado meus pensamentos nem meus lábios fazia semanas.

— Não — respondi rápido. — Por quê? Teve mais algum ataque?

— Não. Nenhum sinal deles, na verdade. É o que me preocupa. Bem, em relação à sua família…

— Não matamos ou capturamos todos eles no Recanto do Demônio? — interrompi, me recusando a deixar o assunto de lado assim tão rápido.

— Não *todos*, exatamente. Um pequeno núcleo escapou com alguns acólitos depois de nossa vitória, e acreditamos que eles tenham cruzado o oceano até aqui. Duvido que tenham coragem de se aproximar de *você*, acredito que essa lição eles aprenderam, mas só posso imaginar que estejam planejando algo. Cautela nunca é demais.

— Eles *morrem* de medo de você, Jacob — comentou Emma, orgulhosa.

— Sério?

— Depois da surra que você deu neles, seriam estúpidos se não tivessem medo — comentou Millard, sua voz surgindo de algum ponto perto da porta da cozinha.

— Pessoas educadas não bisbilhotam conversas particulares — ralhou a srta. Peregrine.

— Não estou bisbilhotando, estou com *fome*. Também fui enviado para lhe pedir que não monopolize Jacob. Todos nós viemos de muitíssimo longe para vê-lo.

— Eles sentiram muita falta de Jacob — confirmou Emma à srta. Peregrine. — Quase tanto quanto eu.

— Bem, talvez esta seja uma boa hora para um discurso de boas-vindas, sr. Portman — concordou a *ymbryne*. — Explique a eles as regras básicas.

— Regras básicas? Como assim?

— São meus protegidos, sr. Portman, mas esta é sua cidade e sua época. Vou precisar de sua ajuda para orientar as crianças e evitar problemas.

— Se não morrerem de fome primeiro — comentou Emma.

Eu me virei para a srta. Peregrine.

— O que você ia dizer antes, sobre a minha família?

Não podíamos prendê-los na garagem para sempre, e eu estava começando a ficar nervoso, sem saber como conviveríamos com eles na mesma casa.

— Não há com que se preocupar — respondeu a srta. Peregrine. — Bronwyn tem a situação sob controle.

As palavras mal tinham saído de sua boca quando ouvimos um estrondo de tremer as paredes, e parecia vir da garagem. Os copos de uma prateleira próxima se espatifaram no chão.

— Isso me pareceu nitidamente *fora* de controle — comentou Millard.

Já estávamos correndo.

◆ ◆ ◆

— Não saiam daqui! — gritou a srta. Peregrine na direção da sala de estar.

Saí disparado da cozinha, Emma nos meus calcanhares, a adrenalina me impulsionando. Eu não sabia o que esperar quando entramos a toda na garagem. Fumaça? Sangue? Tinha parecido uma explosão. O que eu definitivamente não imaginava encontrar eram meus pais e tios estirados no carro, dormindo feito bebês. A traseira do veículo estava encaixada em um imenso amassado na porta de correr da garagem, e caquinhos das lanternas brilhavam no chão ao redor. O motor zunia, ainda ligado.

Bronwyn estava parada em frente ao carro, o para-choque nas mãos.

— Puxa vida, me desculpa, eu não sei como isso foi acontecer — disse ela, e largou o para-choque, que atingiu o chão com um clangor.

Percebendo que eu precisava desligar o motor para não morrermos sufocados, corri até a porta do motorista, mas estava trancada. É claro: minha família, lá dentro, devia ter feito de tudo para evitar contato com Bronwyn. Com certeza haviam passado aquele tempo todo aterrorizados.

— Deixe que eu abro — disse Bronwyn. — Para trás!

Ela firmou os pés e segurou a maçaneta da porta com as duas mãos.

— O que você vai...? — comecei.

Não terminei a pergunta, pois, com um puxão potente, Bronwyn arrancou a porta das dobradiças. A grande peça de metal saiu voando de suas mãos e foi se cravar na parede dos fundos, com um barulho que me empurrou para trás quase como uma força física.

— Porcaria! — exclamou Bronwyn no silêncio atordoado que se seguiu.

A garagem de nossa casa estava começando a parecer uma das casas bombardeadas que eu tinha visto na Londres da época da guerra.

— Bronwyn! — gritou Emma, só então baixando os braços da cabeça. — Você poderia ter decapitado alguém!

Eu me enfiei pelo buraco onde antes ficava a porta do motorista e, esticando o corpo sobre meu adormecido pai, tirei as chaves da ignição.

Minha mãe estava caída no ombro dele, e meu pai roncava. No banco traseiro, meus tios dormiam abraçados. Ninguém havia se mexido, mesmo com toda aquela barulheira. Eu só conhecia uma substância capaz de fazer alguém cair em sono tão profundo: o pó da Mãe Poeira. Quando saí do carro, Bronwyn tentava explicar o ocorrido, e vi que ela segurava justamente uma bolsinha da substância.

— O homem atrás… — dizia ela, apontando para meu tio Bobby. — Eu vi ele usar o… o negocinho… — Ela tirou o aparelho do bolso dele.

— O celular — falei.

— Isso — continuou ela. — Então eu peguei o negócio da mão dele, e aí todos endoideceram de vez feito cavalos chucros, então fiz como a senhorita me mostrou…

— Você usou o pó? — perguntou a srta. Peregrine.

— É, soprei no rosto deles, mas não fez efeito logo de cara. Então o pai do Jacob ligou o carro, mas, em vez de ir para a frente, ele… ele… — Escapando-lhe as palavras, Bronwyn indicou a porta da garagem com um gesto.

A srta. Peregrine lhe deu uns tapinhas no braço.

— Eu entendo, querida. Você lidou com a situação muito bem.

— Bem *mal*, você quer dizer — completou Enoch.

Quando nos viramos, vimos todos os outros peculiares aglomerados na porta, espiando.

— Eu mandei vocês não saírem de lá! — repreendeu a srta. Peregrine.

— Depois daquele barulhão?! — retrucou Enoch.

— Desculpa, Jacob — disse Bronwyn. — Eles estavam muito agitados, e eu não sabia o que fazer. Não machuquei ninguém, né?

— Acho que não. — Eu já tinha experimentado o sono aconchegante induzido pelo pó da Mãe Poeira e sabia que não era nada horrível passar algumas horas sob seu efeito. — Posso ver o celular do meu tio?

Bronwyn me entregou o aparelho. A tela estava toda rachada, mas ainda dava para ler. Quando a luzinha se acendeu, vi uma sequência de mensagens da minha tia:

O que está acontecendo?
Que horas vc vai chegar?
Tá tudo bem???

Em resposta, tio Bobby tinha começado a digitar *CHAME A*

POLÍCIA, mas provavelmente se deu conta de que poderia ele mesmo fazer isso. Só que não deu tempo, porque Bronwyn tomou o celular dele. Mais alguns segundos, e talvez estivéssemos recebendo uma visita da SWAT. Senti um aperto no peito ao pensar em como aquilo poderia ter evoluído rapidamente para algo bem perigoso e complicado. *Quer dizer*, pensei, olhando para o carro destruído e a parede destruída e a porta destruída. *Já evoluiu*.

— Não se preocupe, Jacob — disse a srta. Peregrine. — Já passei por situações bem mais delicadas. — Ela estava circundando o carro, avaliando o estrago. — Sua família vai dormir profundamente até amanhã, e acredito que deveríamos tentar fazer o mesmo.

— E depois? — insisti, ansioso e começando a suar no ambiente não refrigerado da garagem.

— Quando acordarem, vou apagar a memória recente deles e mandar seus tios para casa.

— Mas o que eles vão…

— Vou explicar que somos parentes distantes da família do seu pai, vindos da Europa para oferecer nossas condolências pela morte de Abe. Quanto à sua visita marcada no hospital, você já está se sentindo muitíssimo melhor e não necessita mais de cuidados psiquiátricos.

— Mas e…

— Ah, eles vão acreditar. Os normais sempre ficam altamente suscetíveis após uma limpeza de memória. Poderíamos convencê-los até de que viemos de uma colônia na Lua.

— Srta. Peregrine, por favor, pare com isso.

Ela sorriu.

— Perdão. Um século como diretora me treinou a adivinhar questionamentos, em nome da praticidade. Agora, vamos, crianças. Precisamos discutir os protocolos para os próximos dias. Temos muito a aprender sobre o presente, e nada melhor que o momento presente para começarmos.

Dito isso, ela começou a reunir todos e a conduzi-los para fora da garagem, enquanto a metralhavam de perguntas e reclamações.

— Quanto tempo vamos ficar? — quis saber Olive.

— Podemos sair amanhã para conhecer a cidade? — pediu Claire.

— Preciso comer alguma coisa antes que eu desapareça da face da Terra — disse Millard.

Então me vi sozinho na garagem, em parte porque me sentia mal com a ideia de deixar minha família passar a noite ali, mas também

porque a limpeza de memória me assustava. Embora a srta. Peregrine parecesse confiante, daquela vez seria preciso algo bem maior que os dez minutos de lembranças que ela apagara em Londres. E se ela não apagasse o bastante? Ou se apagasse demais? E se meu pai esquecesse tudo que sabia sobre aves ou minha mãe esquecesse o francês que aprendera na faculdade?

Fiquei um tempo observando-os dormir, o peso dessas dúvidas assentando sobre mim. E me senti subitamente, desconfortavelmente adulto diante daqueles quase bebês — vulneráveis, tranquilos, babando um pouquinho.

Tinha que haver uma alternativa.

Emma surgiu à porta.

— Está tudo bem? — perguntou ela. — Acho que os meninos vão entrar em parafuso se não providenciarmos logo algum jantar.

— Não queria deixá-los aqui — expliquei, indicando minha família.

— Eles não vão a lugar algum. E não precisam ser vigiados. Com a dose que receberam, só devem acordar amanhã à tarde.

— Eu sei, é só que… me sinto meio mal.

— Não fique assim. — Ela se aproximou. — Não é sua culpa. Não mesmo.

— Eu sei. É que parece meio triste, só isso.

— O quê?

— Que o filho de Abe Portman nunca venha a saber como seu pai foi um homem especial.

Emma pegou meu braço e o colocou sobre os próprios ombros.

— Acho mil vezes mais trágico que ele nunca venha a saber como seu filho é um homem especial.

Eu estava me inclinando para beijá-la quando o celular do meu tio vibrou no meu bolso. Nós dois levamos um susto. Era uma nova mensagem da minha tia:

Já internaram o doidinho?

— O que diz? — perguntou Emma.

— Nada de mais. — Guardei o celular de volta e me dirigi à porta. De repente, não me parecia mais tão cruel deixar que passassem a noite na garagem. — Vamos, temos que inventar um jantar.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Apaguei as luzes antes de sairmos.

◆ ◆ ◆

Sugeri que pedíssemos pizza de um restaurante que ficava aberto até mais tarde. Só algumas das crianças sabiam o que era uma pizza, enquanto o conceito de entrega em domicílio era desconhecido para todos.

— Eles preparam a comida em outro local e depois trazem *na sua casa*? — perguntou Horace, como se a ideia fosse ligeiramente obscena.

— Pizza... — disse Bronwyn. — É um prato típico aqui da Flórida?

— Na verdade, não — respondi. — Mas confiem em mim: vocês vão gostar.

Fiz um pedido gigantesco, e nos distribuímos pelos sofás e poltronas da sala para esperar. A srta. Peregrine sussurrou no meu ouvido:

— *Acho que está na hora daquele discurso.*

Sem esperar uma resposta, ela pigarreou e já foi anunciando que eu gostaria de dizer algumas palavras. Assim, fiquei de pé e comecei, meio sem jeito, meu improviso:

— Estou muito feliz por ter vocês todos aqui comigo. Não sei se sabem aonde minha família pretendia me levar hoje, mas não era um lugar legal. Quer dizer... — Hesitei. — Quer dizer, talvez seja legal para *algumas* pessoas, tipo, pessoas com problemas mentais de verdade, mas... Bem, se não fosse por vocês, confesso que eu estaria agora na maior merda.

A srta. Peregrine fechou a cara.

— Sem você, nós é que estaríamos na... — Bronwyn olhou de relance para a diretora antes de concluir a frase — ... *lama*. Só estamos retribuindo o favor.

— Obrigado. Quando vocês chegaram, achei que fosse um sonho, porque desde que nos conhecemos eu sonhava em ver todos vocês aqui. Foi bem difícil acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade. Bem, mas o que importa é que vocês *estão* aqui, e espero que eu consiga recebê-los tão bem quanto vocês me receberam na sua fenda temporal. — Baixei os olhos, envergonhado. — Então é isso, pessoal. Muito feliz, amo vocês, acabou o discurso.

— Também te amamos! — disse Claire, pulando da cadeira para ir me abraçar.

Olive e Bronwyn se juntaram a ela, e logo estavam todos esmagando meus pulmões em um grande abraço coletivo.

— É *tão* bom estar aqui! — exclamou Claire.

— … e não no Recanto do Demônio! — completou Horace.
— Vamos nos divertir à beça! — cantarolou Olive.
— Mil perdões por destruirmos sua casa — desculpou-se Bronwyn.
— Ei, quem destruiu foi *você* — corrigiu Enoch.
— Ar... — consegui dizer. — Preciso… ar…
Então eles se afastaram um pouco, e pude respirar. Hugh se meteu no meio do círculo e me cutucou no peito, dizendo:
— Não estamos *todos* aqui, esqueceu? — Uma única abelha zumbia e desenhava círculos agitados em torno de sua cabeça. Os outros se afastaram, dando espaço para Hugh e seu inseto enfurecido. — Você disse que está feliz por estarmos *todos* nós aqui. Não estamos.
Não entendi de imediato o que ele estava dizendo, mas, quando entendi, fiquei envergonhado.
— Sinto muito, Hugh. Não foi minha intenção falar como se Fiona não existisse.
Ele baixou os olhos para as meias listradas.
— Às vezes parece que todo mundo a esqueceu, menos eu. — Notei que seu lábio tremia, depois vi que ele fazia força para não chorar. — Ela não morreu, sabe?
— Espero que não.
Ele ergueu o rosto e me encarou com um olhar desafiador.
— Ela *não* morreu.
— Tudo bem. Ela não morreu.
— Sinto muita falta dela, Jacob.
— Todos nós sentimos. Eu não a esqueci. Desculpa.
— Desculpas aceitas.
Hugh limpou o rosto, virou-se e saiu da sala.
— Pode não parecer, mas isso foi um progresso — disse Millard após um segundo.
— Com a gente ele mal fala — completou Emma. — Está revoltado e se recusa a aceitar a verdade.
— Vocês não acham possível que Fiona esteja viva em algum lugar?
— Eu diria improvável — respondeu Millard.
A srta. Peregrine fez uma expressão de desagrado e levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio. Estava nos puxando discretamente para um canto da sala e, com as mãos em nossas costas, nos reuniu em um grupinho separado.
— Entramos em contato com todos os grupos de peculiares que conhecemos, em todas as fendas temporais — disse ela, baixinho. —

Mandamos comunicados, avisos, fotografias, descrições detalhadas... Até enviei as pombas peculiares da srta. Wren para sobrevoarem as florestas próximas à procura de Fiona. Até agora, nada.

Millard suspirou.

— Se ela estivesse viva... pobrezinha... já não teria nos procurado? Não é difícil nos achar.

— Tem razão — comentei. — Mas alguém já tentou encontrar o... bem...

— O corpo dela? — completou Millard.

— Millard, por favor — reclamou a diretora.

— Isso foi indelicado? Devo usar um termo mais vago?

— *Quieto* — sussurrou a srta. Peregrine.

Não é que Millard não tivesse sentimentos; ele só não era muito bom em considerar os sentimentos dos outros.

— A queda que provavelmente matou Fiona — explicou ele — ocorreu na fenda de animais da srta. Wren, que depois foi destruída. Mesmo que o corpo dela tenha ficado lá, jamais poderemos recuperá-lo.

— Tenho pensado se não deveríamos realizar uma cerimônia de despedida para Fiona — comentou a srta. Peregrine —, mas a simples menção ao assunto faria Hugh mergulhar numa profunda depressão. Temo que, se forçarmos, ele...

— Ele nem quer adotar abelhas novas — contou Millard. — Diz que não poderia amá-las como amava as anteriores igualmente, pois elas nunca conheceriam Fiona. Só mantém a última que sobrou, que, a esta altura, já está em uma idade bem avançada.

— Acho que essa mudança de ares vai fazer bem a ele — comentei.

Foi quando a campainha tocou. Bem na hora, pois o clima estava cada vez mais pesado.

Claire e Bronwyn fizeram menção de me acompanhar até a porta para receber as pizzas, mas a srta. Peregrine foi rápida em impedi-las.

— Aonde pensam que vão? Vocês ainda não estão preparadas para conversar com normais.

Pessoalmente, eu achava que não teria grandes problemas se elas conhecessem o entregador de pizza... até abrir a porta e ver um garoto da minha escola, equilibrando uma pilha de caixas nas mãos.

— Noventa e quatro e sessenta — murmurou ele mecanicamente, mas de repente fez uma cara de surpresa. — Ei, olha só! Jacob?

— Justin. Oi.

O nome dele era Justin Pamperton, embora todo mundo o chamasse

de Pampers. Era um dos skatistas maconheiros que viviam nos estacionamentos desertos da nossa escola.

— Tá com uma cara boa — disse ele. — Você... tipo, tá melhor?

— Como assim? — perguntei, embora na verdade não quisesse saber o que ele queria dizer, e contei o dinheiro o mais rápido que podia (mais cedo eu havia saqueado a gaveta de meias dos meus pais, onde sempre tinha algumas notas escondidas).

— Andaram dizendo por aí que você, tipo, *deu uma pirada*. Com todo o respeito.

— Hum, não — respondi. — Eu estou bem.

— Beleza — disse ele, assentindo como um bonequinho de mola. — Porque *o que me falaram* foi que...

Ele parou no meio da frase. Alguém lá dentro estava rindo.

— Tá rolando uma festa na sua casa, cara?

Peguei as pizzas e enfiei as notas na mão dele.

— Mais ou menos — respondi. — Pode ficar com o troco.

— Com *garotas*? — Ele tentou dar uma olhada dentro da casa, mas fui para o lado, bloqueando sua visão. — Daqui a uma hora eu tô largando o trabalho, posso trazer umas cervejas...

Nunca quis tanto que alguém sumisse da minha frente.

— Desculpa, mas é meio que particular.

Ele pareceu impressionado.

— Mandou bem, cara. — Ele ergueu a mão para bater na minha, mas no meio do caminho, lembrando que eu estava segurando as pizzas, fechou a mão e deu um soquinho no ar para disfarçar. — A gente se vê semana que vem.

— Semana que vem?

— As *aulas*, cara! Em que planeta você andou?

Ele voltou com seu andar meio gingado para a moto ainda ligada, balançando a cabeça e rindo sozinho.

◆ ◆ ◆

Todas as conversas pararam assim que as pizzas foram distribuídas. Por três minutos inteiros, só se ouvia o ruído de mastigação e os ocasionais gemidos de satisfação. Enquanto isso, fiquei pensando nas palavras de Justin. As aulas voltariam em uma semana; eu havia esquecido totalmente. Antes de meus pais concluírem que eu estava maluco e decidirem me internar, eu estava determinado a voltar para o colégio.

Meu plano era ficar em casa até me formar, depois fugir para Londres para viver com Emma e meus amigos, mas agora os amigos que pareciam tão distantes e todo aquele mundo inacessível tinham surgido à minha porta. Da noite para o dia, tudo havia mudado. Meus amigos agora podiam andar por onde (e em qualquer época) quisessem. Será que eu aguentaria passar o dia inteiro sentado aturando aulas intermináveis, almoços e palestras sabendo que estavam todos me esperando?

Talvez não, mas era muita coisa para processar naquele momento, com a pizza no meu prato, ainda tonto com o fato de tudo aquilo ser possível. Ainda faltava uma semana. Eu tinha tempo. Por enquanto, podia apenas comer e aproveitar a companhia.

— Essa é a melhor comida do mundo! — anunciou Claire, com a boca cheia de queijo derretido. — Vou comer isso todo dia.

— Não se quiser continuar viva até o fim da semana — comentou Horace, tirando as azeitonas de sua fatia com uma precisão cirúrgica. — Só nesse pedaço tem mais sódio do que em todo o Mar Morto.

— Está com medo de ficar gordo? — zombou Enoch. — Horace Bola. Eu bem ia gostar de ver isso.

— Medo de *inchar* — corrigiu Horace. — Minhas roupas são feitas sob medida, ao contrário dos sacos de batata que você usa.

Enoch fez uma autoavaliação. Ele vestia uma camisa cinza simples, um colete preto, uma calça preta com a barra desfiada e sapatos de couro já há muito sem brilho.

— Minhas roupas são de *Parrí* — respondeu ele, forçando um sotaque francês. — Arrumei com um rapaz bem alinhado que não faria mais uso delas.

— Um rapaz *morto* — comentou Claire, com uma careta de nojo.

— Funerárias são as melhores butiques de artigos de segunda mão — disse Enoch, dando uma mordida imensa na pizza. — É só ter o cuidado de pegar as roupas antes que o ocupante comece a emanar fluidos.

— Perdi o apetite — reclamou Horace, largando o prato na mesa de centro.

— Trate de terminar sua refeição — ordenou a srta. Peregrine. — Nada de desperdício.

Com um suspiro, ele obedeceu.

— Às vezes eu invejo Millard. Ele poderia engordar cem quilos e ninguém perceberia.

— Para sua informação, eu sou muito esbelto — retrucou Millard,

fazendo um barulho que só podia ser um tapa na barriga nua. — Venha me apalpar, se não acredita.

— Obrigado, mas dispenso.

— Pelo amor das aves, *vista-se*, Millard — reclamou a srta. Peregrine. — O que foi que eu disse sobre nudez desnecessária?

— Que diferença faz, se ninguém pode me ver?

— É deselegante.

— Mas está muito quente!

— *Agora*, sr. Nullings.

Millard saiu resmungando algo sobre *puritanos* ao passar. Voltou um minuto depois, com uma toalha amarrada na cintura, o que a srta. Peregrine também reprovou. Quando ele retornou pela segunda vez, estava soterrado de roupas encontradas no meu armário: botas, calça de lã, casaco, cachecol, chapéu e luvas.

— Assim você vai morrer sufocado! — exclamou Bronwyn.

— Pelo menos ninguém é obrigado a me imaginar como vim ao mundo! — reclamou ele, o que teve o efeito desejado de irritar a srta. Peregrine.

Alegando que precisava fazer outra verificação de segurança, ela deixou a sala.

Na mesma hora, explodimos em risadas que estávamos segurando durante toda a cena.

— Viram a cara dela? — comentou Enoch. — Por pouco ela não esgana você, Millard!

A dinâmica entre as crianças e a srta. Peregrine havia mudado um pouco. Elas pareciam mais adolescentes, inclusive no sentido negativo, como se estivessem começando a testar sua autoridade.

— Vocês estão sendo maus! — reclamou Claire. — Parem com isso!

Bem, nem *todos* estavam agindo diferente.

— Você não acha cansativo levar bronca por qualquer coisinha? — perguntou Millard.

— *Coisinha!* — exclamou Enoch, com uma gargalhada. — Millard tem uma… *Aaaaaaai!*

Claire tinha mordido seu ombro com a boca de trás. Enquanto Enoch esfregava o local, ela reclamou:

— Não, *não* acho cansativo. E é estranho você ficar pelado na presença de moças.

— Blá-blá-blá — debochou Millard. — Mais alguém se incomoda?

Todas as meninas levantaram a mão.

Millard suspirou.

— Tudo bem, então. Adotarei a prática das vestimentas completas em período integral, para não ferir a sensibilidade alheia em relação a fatos básicos da biologia.

◆ ◆ ◆

Conversamos até cansar. Era tanto assunto para colocar em dia! Voltamos muito rápido à antiga intimidade, como se tivéssemos passado apenas alguns dias separados, não quase seis semanas. Muitas coisas haviam acontecido naquele período — com eles, pelo menos. Emma já havia me contado algumas, por cartas, mas tinha muito mais, e eles começaram a narrar suas aventuras na exploração de lugares peculiares com o Polifendador. Por segurança, foram somente a fendas em que as *ymbrynes* já haviam feito um reconhecimento inicial e considerado seguras, já que ainda não se sabia muito bem o que os aguardava atrás daquelas muitas portas.

Em uma fenda temporal na Mongólia de milênios atrás, eles conheceram um pastor peculiar que falava a língua das ovelhas e por isso não precisava de cajado nem cão para conduzir seu rebanho. Olive tinha gostado especialmente da fenda que visitaram na Cordilheira do Atlas, no norte da África, onde todos os peculiares de certa cidadezinha eram flutuadores como ela. Havia telas instaladas por toda a cidade, para que as pessoas pudessem seguir com suas vidas sem a necessidade de usar pesos: elas iam de um lugar a outro como acrobatas em gravidade zero. Havia também uma interessante fenda temporal na Amazônia que se tornara um destino popular entre eles, uma fantástica cidade no meio da floresta, em que todos os caminhos, pontes e casas eram feitos de árvores, raízes e galhos trançados. Os peculiares de lá eram capazes de manipular as plantas, como Fiona, o que fizera Hugh voltar às pressas para o Recanto do Demônio.

— O clima era quente demais, e os insetos eram um transtorno — contou Millard —, mas as pessoas eram muitíssimo acolhedoras. Elas nos ensinaram a fazer remédios fantásticos com plantas.

— E, para pescar, eles usam um veneno especial que deixa os peixes tontos, não os mata — contou Emma. — Assim, podem simplesmente pegar da água a quantidade que querem. Muito espertos.

— Fizemos muitas outras viagens! — disse Bronwyn. — Emma, mostre suas fotos para ele!

Emma se levantou do sofá e foi correndo pegar as fotografias na bagagem. Quando voltou, nos reunimos em torno do abajur para vê-las.

— Ainda não sei tirar fotos muito bem, tem pouco tempo que comecei...

— Deixe de modéstia — falei. — As que você me mandou junto com as cartas eram incríveis.

— Argh, tinha esquecido isso.

Emma não era nada exibida, mas também não tinha constrangimento em assumir o que fazia bem. Se ela estava com vergonha das fotos que havia tirado, era porque tinha expectativas altas e queria alcançá-las. Para minha sorte (não sou muito bom em fingir entusiasmo), Emma tinha um talento nato. E, embora a composição, o ângulo e a exposição fossem interessantes (não que eu seja um especialista), era o tema o que as tornava únicas — e, em alguns casos, terríveis.

A primeira foto mostrava um grupo de vitorianos posando casualmente como se estivessem em um piquenique, só que sobre telhados desabados de casas que pareciam ter sido esmagadas por um gigante raivoso.

— Um terremoto no Chile — explicou Emma. — Imprimi em um papel que não envelheceu bem desde que saímos do Recanto. Uma pena.

Ela passou para a fotografia seguinte: um trem descarrilado. Em volta, havia diversas crianças (peculiares, imagino), algumas de pé, outras sentadas. Todas sorriam como se estivessem se divertindo muito.

1212

— Acidente de trem — explicou Millard. — A carga era algum tipo de substância química volátil. Poucos minutos depois que tiramos essa foto, quando já estávamos a certa distância, vimos o trem explodir. Uma cena e tanto.

— Por que vocês foram a essas cenas trágicas? — perguntei. — A fenda temporal da Amazônia deve ser bem mais divertida.

— Estávamos ajudando Sharon — respondeu Millard. — Você se lembra dele? O barqueiro do Recanto do Demônio, alto, de capa. Cultivava amizade com ratos…

— Como eu poderia esquecer?

— Ele está usando o Polifendador para montar um novo roteiro do Pacote Fome e Chamas e pediu que testássemos uma versão experimental. Além do terremoto e do acidente de trem, conhecemos uma cidade em Portugal em que chovia sangue.

— Sério?

— Eu não fui nessa — disse Emma.

— Sorte a sua — comentou Horace. — Nossas roupas ficaram manchadas para sempre.

— Pelo visto, vocês se divertiram bem mais que eu — falei. — Acho que só saí de casa umas seis vezes desde que me despedi de vocês.

— Espero que isso mude — disse Bronwyn, animada. — Eu sempre quis conhecer os Estados Unidos, ainda mais no presente. Nova York fica muito longe daqui?

— Sinto dizer que sim.

— Ah — lamentou ela, afundando entre as almofadas do sofá.

— Eu queria visitar Muncie, em Indiana — disse Olive. — O guia diz que você não viveu até visitar Muncie.

— Que guia?

— *Planeta Peculiar: América do Norte* — respondeu ela, erguendo um livro com uma capa verde já bem gasta. — É um guia de viagens para peculiares. Ele elegeu Muncie a Cidade Mais Normal por seis anos seguidos. Totalmente comum em tudo!

— Esse guia está muito desatualizado — disse Millard. — É provável que não tenha mais serventia alguma.

— Diz aqui que nada de estranho ou fora do comum acontece por lá — continuou Olive, ignorando-o. — Nunca!

— Nem todo mundo acha as pessoas normais tão interessantes quanto você — lembrou Horace. — Além do mais, essa cidade deve ser infestada de turistas peculiares.

Olive, que estava sem seus sapatos de chumbo, flutuou por cima da mesa de centro até o sofá onde eu estava e largou o livro no meu colo, aberto numa página que descrevia as acomodações para peculiares mais próximas da tal cidade: um lugar chamado Hospedaria Boca do Palhaço, em uma fenda temporal nos arredores de Muncie. Como o nome sugeria, eram quartos dentro de uma gigantesca escultura de gesso em forma de cabeça de palhaço.

Achei aquilo bem esquisito e fechei logo o livro.

— Não precisamos ir tão longe para conhecer lugares comuns. Existem vários bem aqui em Englewood, podem acreditar.

— Vocês fiquem à vontade para fazer o que quiserem — disse Enoch. — De minha parte, meus únicos planos para as próximas semanas são dormir até meio-dia e sentir a areia quentinha sob meus pés.

— Ah, não seria *nada* mau… — comentou Emma. — Tem alguma praia aqui por perto?

— É só atravessar a rua — respondi.

Os olhos de Emma se iluminaram.

— *Odeio* praia — resmungou Olive. — Nunca posso tirar meus sapatos idiotas. Perde toda a graça.

— Podemos amarrar você numa pedra perto da água — sugeriu Claire.

— Seria mágico — resmungou Olive, pegando de volta seu exemplar de *Planeta Peculiar* e seguindo, flutuando, para um canto. — Vou pegar um trem para Muncie e tchauzinho para vocês.

— Nada disso — disse a srta. Peregrine, voltando à sala naquele momento.

Será que ela tinha ouvido toda a nossa conversa, escondida no corredor?

— Sei que vocês merecem um descanso, crianças, mas temos responsabilidades que não nos permitem simplesmente passar semanas e semanas sem qualquer ocupação.

— O quê?! — reclamou Enoch. — Eu me lembro claramente de ouvir a senhorita dizendo que estávamos de férias.

— Férias *parciais*. As oportunidades de aprendizado que temos aqui são de grande valor.

Ao ouvir a palavra "aprendizado", todas as crianças resmungaram em uníssono.

— Já não temos lições suficientes? — choramingou Olive. — Desse jeito, meu cérebro vai explodir.

A srta. Peregrine lançou um olhar severo para ela e se postou no meio da sala.

— Não quero ouvir nem mais uma palavra de reclamação. Com a extraordinária liberdade que ganharam agora, vocês serão inestimáveis nos esforços de reconstrução. Com o devido preparo, podem se tornar embaixadores para outros peculiares no futuro. Podem explorar novas fendas e territórios. Planejar, mapear, liderar e construir. Serão tão

importantes na reconstrução do nosso mundo quanto foram na derrota dos acólitos. Por acaso vocês não querem que isso aconteça?

— Claro que queremos — respondeu Emma. — Mas por que isso impediria nossas férias?

— Para que se tornem tais líderes, você precisam aprender a transitar por este mundo. No presente. *Aqui.* Precisam se familiarizar com os costumes deste país e aprender a se comunicar para enfim serem capazes de se passar por normais. Senão, colocarão em perigo a si mesmos e a todos nós.

— Então você pretende instaurar… — começou Horace — … sei lá, aulas de normalidade?

— Exato. Quero que aprendam tudo que puderem durante sua estadia aqui, não que fiquem só torrando suas cabecinhas no sol. E acontece que eu conheço o professor perfeito para a tarefa. — A srta. Peregrine olhou para mim e sorriu. — Aceita o trabalho, sr. Portman?

— Eu? Olha, eu não sou exatamente especialista em ser normal. Não é à toa que me sinto tão à vontade com vocês.

— A srta. Peregrine tem razão — disse Emma. — Você é a pessoa perfeita para nos ensinar. Passou a vida toda aqui, cresceu acreditando ser normal, mas é um de nós.

— Bem, meus planos de passar uma temporada numa camisa de força foram por água abaixo mesmo, então… Acho que não custa nada ensinar algumas coisinhas para vocês.

— Aulas de normalidade! — exclamou Olive. — Que divertido!

— É tanta coisa… — falei. — Por onde começamos?

— Amanhã — respondeu a srta. Peregrine. — Está ficando tarde, é melhor irmos nos deitar.

Ela tinha razão. Era quase meia-noite, e meus amigos haviam começado o dia no Recanto do Demônio, vinte e três horas antes (e mais de cento e trinta anos). Estávamos todos exaustos. Dei um jeito de instalar todos em algum canto: nos quartos de hóspedes, nos sofás, até numa pilha de cobertores na dispensa — para Enoch, que tinha preferência por passar a noite em cantos escuros e pequenos como ninhos. Ofereci à srta. Peregrine a cama dos meus pais, que estaria vaga aquela noite.

— Agradeço, mas sugiro que Bronwyn e a srta. Bloom a ocupem. Vou passar a noite de vigia.

Ela me dirigiu um olhar que dizia: *Vigiando não só a casa*, e tive que me segurar para não transparecer minha irritação. Tive vontade de

responder: *Não precisa se preocupar, Emma e eu estamos indo devagar*, mas a srta. Peregrine não tinha nada a ver com aquilo. Fiquei tão irritado que, no segundo em que a ela saiu para colocar Olive e Claire na cama, fui até Emma.

— Quer conhecer meu quarto? — sugeri.

— Mas é *claro*!

Fomos pé ante pé pelo corredor e escada acima.

◆ ◆ ◆

Ouvi a voz da srta. Peregrine em um dos quartos de hóspedes, onde ela cantava uma canção de ninar delicada e triste. Como todas as músicas peculiares, aquela era bem longa. Contava a saga de uma menina cujos amigos eram todos fantasmas. Tínhamos alguns minutos garantidos até que ela fosse procurar Emma.

— Vou logo avisando que meu quarto é meio bagunçado.

— Eu estava em um dormitório com mais vinte e quatro meninas — disse ela. — Nada pode me surpreender.

Quando entrei e acendi a luz, Emma ficou de queixo caído.

— Que *tantas* coisas são essas?

— Ah. Então.

Talvez eu tivesse cometido um erro. Explicar meu quarto ocuparia um tempo que poderíamos aproveitar nos beijando.

Eu não tinha *coisas*, eu tinha *coleções*. Muitas. Objetos cobriam uma porção de estantes por todo o quarto. No entanto, eu não me consideraria um acumulador; aquela era uma das maneiras de lidar com a solidão que eu desenvolvera na infância. Quando seu melhor amigo é seu avô de setenta e cinco anos, você passa muito tempo em atividades típicas de velhinhos, e, no nosso caso, a atividade principal era passear por vendas de garagem todo sábado de manhã (vovô Portman podia ser um herói de guerra peculiar e um caçador de etéreos durão, mas poucas coisas lhe davam mais prazer que uma boa barganha).

Ele sempre me deixava escolher algum item que custasse menos de cinquenta centavos. Multiplique isso por várias vendas de garagem a cada fim de semana e você entenderá como juntei, ao longo de uma década, uma imensa quantidade de vinis antigos, livros de banca com histórias de detetive e capas ridículas, edições da revista *MAD* e tantas outras porcarias aos olhos de terceiros, mas expostas como verdadeiros tesouros. Meus pais volta e meia me imploravam para dar uma limpeza

e me livrar da maior parte, mas fiz apenas algumas tentativas sem muito empenho e nunca avancei muito. O restante da casa era tão grande, moderno e *vazio* que eu passara a ter horror a espaços desocupados, portanto preferia manter cheio o único cômodo sobre o qual eu tinha certo controle. Por isso é que, além das prateleiras transbordantes, eu havia coberto uma parede inteira com mapas, do chão ao teto, e uma outra com capas de discos antigos.

— Nossa, você gosta mesmo de música! — comentou Emma.

Ela se afastou de mim e foi até a parede em que as capas brotavam feito ervas daninhas. Eu estava começando a ficar com raiva do efeito distrativo da minha decoração.

— Ah, como todo mundo.

— Nem todo mundo cobre as paredes com capas de discos.

— Sou mais das antigas.

— Ah, eu também! Não gosto dessas bandas modernas, com guitarras barulhentas e garotos de cabelo comprido — comentou ela, fazendo cara feia para um *Meet the Beatles!*.

— Mas esse álbum é de, sei lá, cinquenta anos atrás...

— Justamente. — Emma foi caminhando ao longo da parede, passando os dedos pelos discos, observando tudo. — Você nunca falou que gostava tanto de música. Tem muitas coisas como essa que eu não sei sobre você, mas eu quero saber.

— É verdade. Sinto que a gente se conhece muito bem em certos aspectos, mas em vários outros é como se ainda fôssemos quase estranhos um para o outro.

— Em nossa defesa, andávamos bem ocupados tentando não morrer, resgatando as *ymbrynes* e tudo o mais. Mas agora temos tempo.

Temos tempo. Sempre que eu ouvia essas palavras, sentia uma corrente de eletricidade nas minhas veias ao pensar em tantas novas possibilidades. — Ponha um para tocar — pediu Emma, indicando a parede de discos. — Seu preferido.

— Não sei se tenho um preferido. São tantos...

— Quero dançar com você. Escolha uma música boa de dançar!

Com um sorriso, ela voltou a examinar minhas coisas. Pensei um pouco e acabei me decidindo por *Harvest Moon*, do Neil Young. Coloquei o disco na vitrola e, com cuidado, pousei a agulha logo depois da terceira faixa. Fez-se aquele gostoso crepitar do vinil e então a música começou, linda, tocante. Eu queria que Emma viesse até o meio do quarto, onde eu tinha aberto um espacinho para dançarmos, mas ela

havia chegado à parede dos mapas. Eram camadas e mais camadas deles: mapas-múndi, mapas urbanos, mapas de linhas do metrô, mapas rodoviários arrancados de edições antigas da revista *National Geographic*.

— São *incríveis*, Jacob.

— Sempre passei muito tempo me imaginando em outro lugar — expliquei.

— Eu também.

Ela foi até minha cama, que ficava encostada na parede, cercada pelos mapas, e subiu no colchão para observá-los mais de perto.

— Às vezes eu lembro que você só tem dezesseis anos — disse ela. — Dezesseis *mesmo*. Dá meio que um nó na minha cabeça.

Ela se virou para mim com um olhar de encantamento.

— O que fez você pensar nisso agora? — perguntei.

— Não sei. É que é estranho. Você não parece ter só dezesseis anos.

— E você não parece ter noventa e oito.

— Eu tenho só *oitenta* e oito.

— Ah, sim. Você tem cara mesmo de oitenta e oito.

Ela riu, depois olhou de volta para a parede.

— Vem cá — chamei. — Vem dançar comigo.

Mas Emma pareceu não me ouvir. Ela havia chegado aos mapas mais antigos, aqueles que eu mesmo produzi, com meu avô, quando tinha oito ou nove anos. Eram desenhados em todo tipo de papel, do quadriculado a guardanapos. Passávamos muitas tardes de verão inventando símbolos cartográficos, desenhando criaturas estranhas nas margens, às vezes escrevendo nomes de lugares imaginários por cima dos reais. Quando me dei conta do que havia ali, senti um aperto no coração.

— É a letra do Abe? — perguntou Emma.

— A gente fazia todo tipo de projeto junto. Ele era meu melhor amigo.

— O meu também. — Ela percorreu com o dedo algumas palavras escritas por ele, como *Lago Okechobe*. Então se virou e desceu da cama. — Mas isso faz muito tempo.

Então ela foi até mim, segurou minhas mãos e apoiou a cabeça no meu ombro. Começamos a nos balançar de leve com a música.

— Desculpa — disse Emma. — Eu não estava esperando ver algo assim.

— Tudo bem. Vocês passaram tanto tempo juntos. E agora você está

aqui...

Senti que ela balançava a cabeça: *Não vamos estragar esse momento*. Então suas mãos soltaram as minhas e envolveram minha cintura. Apoiei o rosto em sua testa.

— Você ainda se imagina em outro lugar? — perguntou ela.

— Não mais — respondi. — Pela primeira vez em muito tempo, estou feliz onde estou.

— Eu também.

Então ela ergueu o rosto, e nos beijamos.

Ficamos ali dançando e nos beijando até a música terminar e dar lugar ao sussurro arranhado do vinil, e mesmo assim continuamos dançando mais um pouco, porque ainda não estávamos prontos para que o momento acabasse. Tentei afastar a sensação estranha de ter mencionado meu avô. Era parte da história dela, e tudo bem. Mesmo que eu não entendesse.

Por enquanto, disse a mim mesmo, o que importava era estarmos bem e juntos. Por enquanto, isso bastava. Era mais do que jamais tivéramos. Não havia contagem regressiva até o momento em que ela definharia e viraria pó; não havia bombas transformando o mundo em chamas à nossa volta; não havia etéreos à espreita. Eu não sabia o que nosso futuro nos guardava, mas, naquele momento, me bastava acreditar que havia um futuro.

Ouvi a voz da srta. Peregrine no térreo. Era hora de me despedir de Emma.

— *Até amanhã* — sussurrou ela no meu ouvido. — *Boa noite, Jacob*.

Trocamos mais um beijo. Era como uma corrente elétrica que deixava cada parte do meu corpo formigando. Então ela saiu do quarto, e, pela primeira vez desde que eles haviam chegado, me vi sozinho.

◆ ◆ ◆

Dormi pouco naquela noite. Não tanto pelos roncos de Hugh, que dormia sobre alguns cobertores estendidos no chão do meu quarto, e mais pelo barulho dentro da minha cabeça — tantas dúvidas e tanta empolgação com as muitas possibilidades recém-surgidas. Eu tinha ido embora do Recanto do Demônio porque considerava importante terminar o colégio e manter uma boa relação com meus pais (o suficiente para me fazer aguentar Englewood por mais alguns anos), mas o tempo que eu levaria para me formar tinha tudo para ser uma

tortura, ainda mais com Emma e meus amigos presos em fendas temporais do outro lado do oceano.

Tudo havia mudado naquela noite. Agora, talvez eu não precisasse esperar. Agora, talvez não precisasse escolher entre um e outro: peculiar ou normal, esta vida ou a outra. Eu queria e precisava dos dois mundos, embora não na mesma medida. Não tinha o mais vago interesse em construir uma carreira normal, em ficar com alguém que não entendia quem eu era ou em, um dia, ter filhos e precisar esconder deles uma parte da minha vida — como meu avô fizera.

Por outro lado, não queria simplesmente abandonar o colégio (não dá para colocar "matador de etéreos" no currículo) e, embora meus pais não fossem exatamente dignos do prêmio de Progenitores do Ano, também não podia excluí-los da minha vida. Não queria me afastar tanto do mundo normal a ponto de esquecer como transitar por ele. O mundo peculiar era incrível e fundamental para mim, eu sabia disso, mas também tinha algo de muito assustador e intenso. Pelo bem da minha sanidade mental a longo prazo, eu precisava manter alguma conexão com minha vida normal. Precisava desse equilíbrio.

Agora, porém, talvez os anos seguintes não precisassem ser a sentença prisional que eu havia imaginado. Talvez eu pudesse ficar com meus amigos e com Emma e *ao mesmo tempo* com minha casa e minha família. Talvez Emma até pudesse estudar comigo. Ou todos eles! Assistiríamos às aulas juntos, almoçaríamos juntos, iríamos juntos aos bailes e às festinhas idiotas. Mas é claro: que lugar melhor que a escola para ensinar como é a vida e os hábitos dos adolescentes normais? Em menos de um ano eles já conseguiriam se passar por normais tranquilamente (afinal, se até eu tinha aprendido, qualquer um podia aprender) e não chamariam atenção quando nos aventurássemos por outros universos peculiares dos Estados Unidos e da América. Voltaríamos ao Recanto do Demônio sempre que o tempo permitisse, para ajudar na causa, ajudar a reconstruir as fendas e, com sorte, tornar nosso mundo mais seguro contra possíveis ameaças futuras.

Infelizmente, tudo dependia dos meus pais. Eles poderiam facilitar as coisas ou poderiam tornar a situação impossível. Se ao menos houvesse uma maneira de meus amigos estarem por perto sem que meus pais enlouquecessem... sem que precisássemos ficar o tempo todo em alerta, com medo de deixar escapar uma peculiaridade que os fizesse sair aos berros pelas ruas e trazer a catástrofe sobre nossas cabeças...

Tinha que haver alguma coisa capaz de fazer tudo parecer muito

natural aos olhos dos meus pais. Algum jeito de explicar meus amigos; sua presença ali, sua estranheza, talvez até suas habilidades. Revirei meu cérebro em busca da desculpa perfeita. Eles eram alunos de intercâmbio que eu conhecera em Londres; tinham salvado minha vida, me abrigado, e eu queria retribuir o favor (o bom era que isso não estaria tão longe da verdade). Por acaso, eles também eram mágicos muito talentosos, que praticavam seus números o tempo todo. Mestres da ilusão. Mágicas tão elaboradas que era impossível desvendar os truques por trás delas.

Talvez. Talvez houvesse um jeito. E aí seria tudo *muito bom*.

Meu cérebro era uma máquina de produzir esperança.

CAPÍTULO DOIS

No dia seguinte, acordei com um nó amargo no estômago, convencido de que tudo não havia passado de um sonho. Já me preparando para a decepção, desci a escada meio que esperando encontrar minhas malas prontas e meus tios mais uma vez vigiando as portas para evitar qualquer tentativa de fuga. Em vez disso, vi uma cena de pura alegria doméstica entre peculiares.

Todo o andar de baixo estava inundado por conversas animadas e pelo cheiro bom de comida. Horace ia de lá para cá na cozinha, preparando tudo, enquanto Emma e Millard colocavam a mesa. A srta. Peregrine assobiava e abria as janelas para deixar entrar a brisa da manhã. Lá fora, no jardim, Olive, Bronwyn e Claire brincavam de pega-pega: Bronwyn a agarrava e jogava bem alto, a uns bons seis metros, e Olive descia rindo, flutuando, trazida de volta devagar pelo peso dos sapatos. Na sala, Hugh e Enoch tinham os olhos grudados na TV, deslumbrados com um comercial de sabão em pó. Eu jamais poderia imaginar uma cena melhor.

Fiquei um bom tempo ali no alto da escada, processando tudo aquilo. Da noite para o dia, meus amigos haviam conseguido transformar minha casa em um lugar mais feliz e mais aconchegante do que meus pais não conseguiram em muitos anos.

— Que bom que você se levantou! — cantarolou a srta. Peregrine, me arrancando do meu transe.

Emma veio correndo.

— O que foi? — perguntou ela. — Está tendo tonturas de novo?

— Não, só apreciando a cena.

Eu a puxei para um beijo. Emma enlaçou meu pescoço para me beijar de volta. Fui completamente envolvido por uma sensação de cócegas agradáveis e pela repentina impressão de estar fora do meu próprio corpo. Era como se eu tivesse levitado até o teto e estivesse vendo lá de cima toda aquela cena feliz, o rosto lindo e delicado daquela garota incrível e meus amigos em volta. Como um momento tão perfeito havia surgido na minha vida?

O beijo terminou rápido demais, antes mesmo que alguém na sala notasse. Demos os braços e fomos à cozinha.

— Há quanto tempo vocês estão acordados? — perguntei.

— Ah, algumas horas — respondeu Millard, levando um tabuleiro de biscoitos recém-assados para a sala de jantar. — Estamos com um lag temporal terrível.

Ele estava todo vestido: uma calça cor de ameixa, um casaco leve e um lenço no pescoço.

— Eu que escolhi o figurino dele hoje — explicou Horace, surgindo à porta da cozinha. — Millard é uma folha em branco, indumentariamente falando.

Horace usava um avental sobre uma camisa branca, gravata e calça social, ou seja, muito provavelmente tinha acordado bem mais cedo só para passar as roupas.

Pedi licença e fui de fininho até a garagem ver como estava minha família. Eles continuavam dormindo, exatamente onde eu os deixara. Mal haviam se mexido. Então uma ideia horrível passou pela minha cabeça. Corri até o carro e aproximei a mão do nariz de cada um. Quando tive certeza de que estavam todos vivos, voltei para dentro de casa.

Os peculiares estavam sentados à "mesa boa", como meus pais chamavam aquele enorme móvel com tampo de vidro preto. A sala de jantar era um local que eu associava a comportamentos rígidos e conversas entediantes, porque só era usada quando recebíamos visitas de familiares ou quando meus pais tinham "um assunto importante para conversar" comigo — geralmente, uma bronca pelas minhas notas, minha postura ruim, minhas amizades ou a falta delas etc. e tal. Assim, foi bom encontrar ali um monte de comida, amigos e risadas.

Dei um jeito de sentar ao lado de Emma, e Horace deu início à elaborada apresentação de cada prato que havia preparado para o café da manhã.

— No menu de hoje, temos *pain perdu*, batatas assadas à la royal, uma variedade de pães franceses e mingau com frutas caramelizadas!

— Dessa vez você se superou, Horace — elogiou Bronwyn, já de boca cheia.

Pratos servidos e agradecimentos feitos, eu estava com tanta vontade de comer que só depois de alguns minutos me ocorreu perguntar como ele tinha arranjado os ingredientes para tudo aquilo.

— Talvez tenham saído flutuando das prateleiras de um mercado aqui da rua e vindo parar nas minhas mãos — respondeu Millard.

Parei de mastigar na mesma hora.

— Você *roubou* isso tudo?

— Millard! — exclamou a srta. Peregrine, horrorizada. — E se flagrassem você?

— Impossível. Sou mestre na arte de roubar. É minha terceira melhor habilidade, ficando atrás apenas de minha inteligência incrível e minha memória quase perfeita.

— Só que hoje em dia as lojas têm câmeras — expliquei. — Se você foi filmado, pode dar um problemão.

— Ah — disse Millard, de repente fascinado pelo pedaço de pêssego caramelizado espetado em seu garfo.

— Um verdadeiro *mestre* na arte de roubar — disse Enoch. — Qual é mesmo sua primeira melhor habilidade?

A srta. Peregrine pousou os talheres na mesa e estalou os dedos.

— Muito bem, crianças. Roubar de normais acaba de entrar para a lista de proibições estritas.

Todo mundo chiou.

— Isso é muito sério! — avisou a srta. Peregrine. — Se a polícia aparecesse aqui, não seria um mero inconveniente.

Enoch afundou dramaticamente na cadeira.

— O presente é tão *cansativo*... Lembram como era fácil resolver as coisas na fenda temporal? — Ele passou o dedo pela garganta. — *Crec!* Adeus, normal inoportuno!

— Não estamos mais em Cairnholm — disse a srta. Peregrine — e não estamos brincando de Ataque ao Vilarejo. O que vocês fizerem aqui terá consequências reais e permanentes.

— Eu estava brincando — resmungou Enoch.

— Não estava, *não* — sibilou Bronwyn.

A srta. Peregrine levantou a mão, pedindo silêncio.

— Qual é nossa nova regra? — perguntou ela.

— Não roubar — responderam todos, em um coro desanimado.

— E?

Segundos se passaram. A diretora franziu a testa.

— Não matar normais? — arriscou Olive.

— Isso mesmo. Vocês não podem matar *ninguém* no presente — enfatizou a srta. Peregrine.

— Mas e se for uma pessoa totalmente insuportável? — insistiu Hugh.

— Não importa. Vocês não podem matar *ninguém*.

— Sem a *sua* permissão — emendou Claire.

— Não, Claire — respondeu a srta. Peregrine, ríspida. — *Não podem*

matar.

— Tudo bem… — concordou a menina, resignada.

Essa poderia ter sido uma conversa assustadora se eu não os conhecesse tão bem. Mesmo assim, serviu para me lembrar que eles ainda precisavam aprender muitas coisas sobre a vida no presente.

A propósito…

— Quando vamos começar as aulas de normalidade? — perguntei.

— Que tal hoje? — sugeriu Emma, empolgada.

— Agora mesmo! — opinou Bronwyn.

— Por onde começo? O que vocês querem saber?

— O que acha de nos atualizar quanto aos acontecimentos dos últimos setenta e cinco anos aproximadamente? — sugeriu Millard. — Nas múltiplas esferas de história, política, música, cultura popular, descobertas científicas e novas tecnologias…

— Talvez seja melhor ensinar vocês a não falarem como pessoas da década de 1940 e a atravessarem a rua sem morrer.

— Creio que sejam conhecimentos igualmente importantes — disse Millard.

— Eu só quero *sair* um pouco — reclamou Bronwyn. — A última coisa que fizemos foi atravessar um pântano fedorento e andar de ônibus.

— É! — concordou Olive. — Quero conhecer uma cidade americana. E um aeroporto. E uma fábrica de lápis! Eu li um livro bem legal sobre fábricas de lápis…

— Acalmem-se — pediu a srta. Peregrine. — E tratem de tirar essa ideia da cabeça. Não vamos fazer nenhuma grande expedição hoje. Um passo de cada vez, e, como temos opções limitadas de transporte, uma caminhada me parece uma boa ideia. Sr. Portman, conhece algum lugar nas proximidades em que haja poucas pessoas? Enquanto as crianças ainda não têm certa prática, prefiro que não interajam com normais.

— Tem a praia — respondi. — Fica bem vazia essa época.

— Perfeito! — exclamou a srta. Peregrine, e em seguida mandou as crianças se trocarem. — Quero ver vocês protegidos do sol! — acrescentou ela. — Chapéus! Sombrinhas!

Eu já ia subir também quando senti o medo voltar.

— Srta. Peregrine, o que vamos fazer com a minha família?

— Bem, eles receberam uma dosagem suficiente para dormirem até a tarde — explicou ela. — Mas, por precaução, vamos deixar alguém aqui com eles.

— Tudo bem. Mas e depois?
— Você quer dizer depois que acordarem?
— É. Como eu vou explicar... *vocês*?
Ela sorriu.
— Isso, sr. Portman, é uma decisão que cabe unicamente a você. Mas é claro, se for ajudá-lo, podemos pensar juntos em uma estratégia durante nosso passeio.

◆ ◆ ◆

Dei permissão geral para que meus amigos vasculhassem os armários à vontade e pegassem roupas apropriadas para a praia, já que eles não tinham trazido nada do tipo. Foi muito estranho vê-los, alguns minutos depois, em trajes modernos. Como nada cabia em Olive nem em Claire, as duas apenas se muniram de chapéu de sol e óculos escuros, parecendo celebridades em fuga de paparazzi. Millard passou apenas uma camada de protetor solar no rosto e nos ombros, tornando-se uma grande mancha branca ambulante. Bronwyn usava uma blusa florida e uma calça de linho; Enoch pegou um calção de banho e uma camiseta velha, e Horace ficou bem engomadinho com uma camisa polo azul e uma calça cáqui, a bainha dobrada. O único que não trocou de roupa foi Hugh; ainda triste e deprimido, ele se voluntariou para ficar em casa. Dei o celular do meu tio a ele, coloquei meu número e o ensinei a me ligar, caso meus pais acordassem.

Quando a srta. Peregrine apareceu na sala, foi uma chuva de exclamações de admiração. Ela usava uma blusa ombro a ombro com franjas, uma calça cápri de estampa tropical e óculos de aviador. O cabelo, sempre preso em um coque alto, se erguia logo atrás de uma viseira de plástico cor-de-rosa. Era meio estranho vê-la com roupas da minha mãe, mas sua aparência era perfeitamente comum, o que, pensando bem, devia ser o objetivo.

— Você está tão moderna! — disse Olive, impressionada.
— E *estranha* — emendou Enoch.
— Precisamos ser mestres do disfarce se quisermos passar despercebidos em mundos diferentes — explicou a srta. Peregrine.
— Cuidado, hein — disse Emma, entrando na sala. — Desse jeito, todos os solteirões vão correr atrás de você!
— Olha quem fala! — disse Bronwyn. — Fiu fiu! Tomem cuidado, garotos!

Quando me virei, minha respiração ficou presa na garganta. Ela estava de maiô e, por cima, uma saia que ia até o meio da coxa. Nada escandaloso em si, mas era a roupa mais reveladora que eu a via usar (Emma tinha *pernas*!). Eu sabia desde o momento em que a conheci: Emma Bloom era incrivelmente linda, e tive que me controlar para não ficar com os olhos colados nela.

— Ah, pare com isso — disse Emma, mas sorriu ao encontrar meu olhar.

Aquele sorriso... Meu Deus, ele me iluminava por dentro.

— Sr. Portman?

Eu me virei para a srta. Peregrine, meu sorriso bobalhão se derretendo no rosto.

— Hã... oi.

— Está pronto? Ou ficou completamente incapacitado?

— Não, não, tudo certo.

— Imagino — disse Enoch, com uma risadinha.

Dei uma ombrada nele quando passei pelo meio do grupo para abrir a porta, pronto para apresentar meus amigos peculiares ao mundo.

◆ ◆ ◆

Eu morava em Needle Key, uma estreita faixa de terra que se estende mar adentro, oito quilômetros de bares turísticos e casas com um deque na frente e um nos fundos dando para a praia do outro lado, que se estendia após uma ruazinha arborizada. Needle Key só é considerada uma ilha — tecnicamente, uma ilha-barreira — por causa do longo corpo d'água de trezentos metros de largura que a separa do continente. Na maré baixa, dá para atravessar o trecho a pé sem nem molhar a camisa. As casas dos ricos ficam de frente para o Golfo, enquanto o restante dos moradores tem vista para a Lemon Bay, sempre muito agradável nas manhãs calmas, com veleiros cruzando a água preguiçosamente e garças pescando o café da manhã junto aos bancos de areia. É um lugar seguro e tranquilo para se viver, e sinto que talvez eu devesse ter valorizado mais isso, mas passei a adolescência inteira lutando contra as sensações — no início assustadoras, depois esmagadoras — de que pertencia a outro lugar, de que meu cérebro tinha começado a derreter e de que, se eu ficasse ali um único dia a mais que o necessário, minha massa cinzenta se liquefaria e começaria a escorrer pelos meus ouvidos.

Orientei todos a ficarem escondidos atrás de uma cerca viva na entrada da minha garagem e esperei passarem todos os carros que eu ouvia para só então atravessarmos a rua, rápido, até um caminho de terra no meio de um arvoredo que não era podado justamente para que os turistas não entrassem ali. Depois de um ou dois minutos desbravando-a, chegamos à maior atração de Needle Key: uma vasta faixa de areia clara, a água de um tom verde como esmeralda se estendendo até o infinito.

Ouviram-se suspiros involuntários. Meus amigos conheciam algumas praias, inclusive viveram em uma ilha a maior parte de suas vidas anormalmente longas, mas era improvável que conhecessem uma tão bonita, com águas tão tranquilas quanto um lago, uma faixa de fina areia branca que se curvava sutilmente rumo ao horizonte e palmeiras balançando de leve ao vento. Essa vista perfeita era a única razão para que umas vinte mil almas morassem no meio do nada, e em momentos como aquele, com o sol a pino e uma brisa afastando o calor, era fácil entender por quê.

— Uau! — exclamou a srta. Peregrine, inspirando fundo. — Isto é um pedaço do paraíso.

— Esse é o oceano Pacífico? — perguntou Claire.

Enoch riu.

— Não. Estamos no Golfo do México. O Pacífico fica do outro lado do continente.

Caminhamos pela praia, as crianças menores correndo à nossa volta e catando conchas enquanto os outros apreciavam a vista e o sol. Retardei o passo para alcançar Emma. Quando peguei sua mão, ela olhou para mim e sorriu. Suspiramos os dois ao mesmo tempo, o que nos fez rir. Conversamos um pouco sobre a praia e sobre como era bonita, mas logo o assunto se esgotou — e aí perguntei ao grupo como tinha sido a vida no Recanto do Demônio desde que eu fora embora. Eles só tinham me contado sobre as viagens pelo Polifendador, e com certeza haviam feito algo além de viajar.

— Viajar é fundamental para o desenvolvimento pessoal — disse a srta. Peregrine, estranhamente na defensiva. — Mesmo os indivíduos que se consideram mais instruídos permanecem ignorantes se nunca viajaram. É de suma importância que as crianças aprendam que o universo peculiar não gira em torno de nossa sociedade.

Ela me contou que, além das excursões ocasionais pelo Polifendador, as *ymbrynes* tinham unido forças para criar um ambiente estável para

seus protegidos. Assim como meus amigos, a maioria fora arrancada das fendas temporais em que passaram a maior parte da vida. Algumas fendas haviam se fechado para sempre. Muitos perderam amigos nos ataques dos etéreos, foram feridos ou sofreram outros traumas. E, apesar de o Recanto do Demônio (com sua sujeira, seu caos e seu histórico como centro do império maléfico de Caul) não ser o lugar ideal para quem quer se recuperar de traumas, as *ymbrynes* deram o máximo de si para transformar o local num refúgio para os peculiares. Foi ali que muitos adultos em fuga das campanhas de terror dos acólitos e muitas crianças refugiadas encontraram um novo lar. Elas haviam até mesmo fundado uma universidade, com aulas diárias e debates organizados pelas *ymbrynes*, quando elas estavam disponíveis, ou por peculiares adultos especialistas em cada área de conhecimento.

— É um pouco entediante, às vezes — comentou Millard. — Mas é bom estar entre estudiosos.

— Só é entediante porque você acha que sabe mais que os professores — protestou Bronwyn.

— A verdade é que, quando não são as *ymbrynes* dando aula, normalmente eu sei mais mesmo — retrucou ele. — E hoje em dia as *ymbrynes* só vivem ocupadas.

Segundo a srta. Peregrine, elas estavam ocupadas com "milhares e milhares de tarefas desagradáveis", a maioria relacionada ao caos deixado pelos acólitos por toda parte.

— Uma desordem espantosa — disse ela.

Um dos problemas era a desordem literal: o campo de prisioneiros onde estavam os acólitos vencidos na batalha, as fendas temporais que eles haviam danificado, ainda que não destruído. No entanto, o maior problema era o grande contingente de peculiares feridos e debilitados deixados para trás, como os viciados em ambrosia do Recanto do Demônio. Eles precisavam de tratamento para o vício, mas nem todos aceitavam. Havia também uma questão espinhosa: quem, entre eles, era confiável? Muitos haviam ajudado os acólitos; alguns foram coagidos, mas outros o fizeram por vontade própria, e tanta vontade que denotava uma ação malévola, até uma traição. Era preciso julgá-los. O sistema de justiça peculiar, criado para dar conta de poucos casos por ano, crescia rapidamente para dar conta de dezenas de processos, a maioria nem iniciada. Os acusados aguardavam julgamento na prisão construída por Caul para as vítimas de seus experimentos cruéis.

— Quando não estamos resolvendo todos esses aborrecimentos, o

Conselho de *Ymbrynes* se reúne — explicou a srta. Peregrine. — Reuniões que nos tomam o dia inteiro, ou que se estendem até tarde da noite.

Fim da amostra deste eBook.
Você gostou?
Compre agora
ou
Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle